

EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS NOS LIVROS DIDÁTICOS: DESCRIÇÃO E TRATAMENTO NO DICIONÁRIO ESCOLAR

Maryelle Cordeiro
maryellecordeiro@gmail.com

1. Introdução

Devido à importância do ensino e o papel que o dicionário exerce como coadjuvante nesse processo, deseja-se, a partir da teoria linguística, refletir sobre a importância da presença de empréstimos linguísticos constantes em livros didáticos. Outro objetivo é também observar qual tem sido a prática lexicográfica nos dois dicionários escolares que foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e adotados nas escolas de ensino fundamental.

Após uma breve exposição do panorama teórico, pretende-se fazer uma análise sobre a descrição e o tratamento dado pelos dicionários de tipo 3 aos empréstimos encontrados em livros didáticos.

O corpus para a realização do trabalho foi coletado em livros didáticos de ciências, geografia e história do 7º ano do ensino fundamental. As obras usadas na análise foram: *Ciências*, de Fernando Gewandszajder; *Projeto Araribá: História*, organizado pela Editora Moderna e *Para viver juntos: Geografia* por Fernando dos Santos Sampaio e Marlon Clóvis Medeiros.

Os dicionários consultados foram o *Mini Aurélio século XXI* (2010) e o *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (2010).

2. A lexicologia e a lexicografia

O léxico é a parte essencial de uma língua, sendo composto por todos os itens lexicais que fazem parte do patrimônio social e cultural de um povo. Nesse conjunto de vocábulos ou expressões que compõem o sistema linguístico está encerrado todo o repertório conceitual, todas as unidades formadoras do sistema linguístico e estas unidades, por sua vez, são criadas a partir das necessidades e interesses de uma comunidade.

A lexicologia é uma das subáreas da linguística que se ocupa do estudo científico do léxico de uma língua levando-se em consideração diversos aspectos como a estruturação, o funcionamento e a mudança

pertinentes a essa língua. Tais aspectos são fundamentais na determinação da origem, da forma e do significado do acervo lexical dessa língua e o uso que é feito desse acervo em uma comunidade de fala.

As palavras possuem certas características específicas que são capazes de revelar informações sobre a sua história, a região em que são usadas, a sua estrutura morfológica e a maneira como são realizadas foneticamente, assim como o uso nas esferas social, cultural, política e institucional. Dessa maneira, outros ramos da linguística como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e de maneira particular a semântica podem ser relacionadas à lexicologia.

O papel da lexicologia é analisar, cientificamente, a significação do léxico nos seus variados níveis. Já ao lexicólogo impende a tarefa de observar e interpretar cientificamente como são feitos esses empregos e usos. Por meios dos estudos lexicológicos, é possível, então, observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma língua.

Para Oliveira e Isquierdo (*apud* SEABRA, 2004, p. 36), além de estudar o universo de todas as palavras de uma língua, compete à lexicologia a realização de outras tarefas como:

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

A lexicografia, disciplina intimamente ligada à lexicologia, é responsável pelo estudo do repertório escrito da língua e pela organização e compilação dos dicionários.

Os primeiros estudos lexicográficos, no mundo ocidental começaram a ser realizados no começo da Era Moderna. As primeiras obras com características lexicográficas eram listas de palavras cujo propósito era ajudar na leitura de textos clássicos latinos e na interpretação da Bíblia. Para a elaboração desses trabalhos, as listas eram baseadas principalmente nos glossários latinos do período medieval.

A lexicografia somente começou a se consolidar como disciplina linguística no período do Humanismo, entre os séculos XVI e XVII.

Na Europa, desde a Idade Média, por causa da escolarização do latim era crescente a necessidade pelo uso da tecnologia escrita por causa da escolarização do latim. Posteriormente ocorreu também a necessidade de dicionarização das línguas vulgares.

A lexicografia se ocupa da descrição lexicográfica, objetivando, principalmente, analisar a significação das palavras. Como o léxico é formado por palavras, uma tentativa de descrição do léxico de uma língua é feita nos dicionários. É o tipo de obra que é o responsável pela organização sistemática do léxico e também pela sua descrição.

Os dicionários também buscam registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Trata-se um produto cultural de extrema importância nas sociedades contemporâneas, destinados ao grande público.

Biderman (2002, p. 75) faz algumas considerações com relação ao dicionário:

Dado o papel do dicionário em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para uma comunidade. Por isso o dicionário é um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta fundamental na consolidação de uma língua escrita e literária.

Os dicionários podem ser apresentados em diferentes formatos e versões como os monolíngues, os dicionários de língua; os analógicos ou ideológicos; os temáticos ou especializados como os de verbos, regências, antônimos e sinônimos; os etimológicos; os históricos e os terminológicos que abrangem termos das diferentes áreas de especialidade.

Com relação ao número de entradas um dicionário pode ser classificado como infantil, com cerca de cinco mil verbetes, voltado para a faixa etária de 7 a 10 anos.

O dicionário escolar apresenta-se dividido em dicionário do tipo 1, com entradas que vão de 500 a 1.000 mil verbetes, destinado aos alunos do 1º ano do ensino fundamental. Já o dicionário de tipo 2 contém de 3.000 a 15.000 entradas e é usado do 2º ao 5º ano do ensino fundamental. O dicionário do tipo 3 contempla de 19.000 a 35.000 palavras, pensados para os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Recente, foram aprovados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) os dicionários de tipo 4, cujo repertório pode variar de 40.000 a 100.000 entradas, criados para os alunos do ensino médio.

O dicionário padrão, o dicionário geral de língua abrange de 50.000 a 70.000 palavras. São contemplados, em sua macroestrutura, termos técnicos e científicos, além de regionalismos e termos raros.

O dicionário *Thesaurus* é o grande compêndio da língua variando de 100.000 a 400.000 verbetes. É chamado de tesouro lexical da língua. Geralmente se subdivide, apresentando-se em diversos outros tipos de dicionários.

A estrutura do dicionário é composta pelos lemas, ou entradas lexicais que fazem referência ou a um termo da língua ou a um referente do universo extralinguístico. A lista total dos lemas constitui a nomenclatura do dicionário, ou seja, sua macroestrutura.

3. *Estrangeirismo x empréstimo linguístico*

O léxico de um sistema linguístico está em constante processo de inovação e uma das formas de inovação e enriquecimento lexical é feita por meio da criação de neologismos. Segundo Carvalho (2006) “Os neologismos criados no setor artístico, científico, tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana”.

Alves (1984) concebe o neologismo como sendo uma unidade lexical recente, uma nova aceção atribuída a uma palavra que já existe em uma língua ou um termo que foi importado, recentemente, de outro código linguístico. A autora define dessa maneira três tipos de neologismo.

O neologismo formal é aquele cunhado na própria língua. Esse processo de criação de uma nova palavra pode ser feito por meio de processos de derivação, composição, siglagem, redução de palavras, articulação de uma ou mais sílabas, conferindo a elas valor significante inédito.

A neologia semântica ocorre quando a uma palavra da língua é atribuído novo significado.

O terceiro tipo de neologismo é a neologia por empréstimo quando ocorre a adoção de um termo de uma língua estrangeira.

A criação de neologismos como processo renovador da língua faz-se necessária ao se pensar que uma língua de cultura moderna, para que seja vista como um meio de comunicação internacional, seja nas áreas técnicas como na área científica, deve estar aberta à criação de novos elementos léxicos.

Para Alves (1984):

Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela riqueza imediata, como sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhece nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia.

Dado o conceito de neologismo por empréstimo, é necessário que seja feita uma distinção entre os conceitos de estrangeirismo e de empréstimo, pois muitas vezes nota-se que é comum a confusão com relação à definição dos dois termos, tomando-se geralmente um pelo outro.

O estrangeirismo seria a primeira fase que uma palavra passa quando é importada de outra língua. Nesse momento de chegada em outra língua a nova palavra é sentida como externa à língua que a importou.

Para Alves (*apud* CANO & PRADO, 2006, p. 267), “O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que faz referência”.

Na fase de chegada, uma das características principais do estrangeirismo é que a palavra importada não sofre nem um tipo de adaptação gráfica e mantém a mesma forma escrita da língua original.

Já o empréstimo linguístico é classificado por Aprile (2005) de duas maneiras. O primeiro deles é o empréstimo por adaptação, que pode se dizer que é a etapa seguinte pela qual o estrangeirismo passa. É a fase em que ele começa a ser usado frequentemente na língua de chegada e passa a ser codificado por ela. Nesse período o termo não é mais visto como um elemento estranho à língua. Quando codificado é empregado sem tradução ou marcas gráficas, sofrendo, muitas vezes, adaptações fonéticas para adequar-se a pronúncia da língua em que está sendo usado. O empréstimo, ao ser integrado à língua, obedece a critérios ortográficos, fonológicos e morfosintáticos do idioma para o qual foi importado. Pode também sofrer processos de derivação dando origem a outras palavras. Quando é empregado na língua de chegada sem sofrer nenhuma adaptação gráfica, apresentando-se com a mesma forma da língua de origem é chamado de xenismo.

O segundo tipo empréstimo é o empréstimo por decalque que também pode ser subdividido em dois tipos.

O primeiro deles é o decalque estrutural que é feito geralmente por meio da tradução literal de palavras compostas ou locuções, como por exemplo, *skyscraper* e *system analysis* que em português geraram arranha-céu e análise de sistemas.

O outro tipo é o decalque semântico em que um termo já existente em uma língua passa a adotar outro significado por efeito da influência de uma palavra estrangeira correspondente. Um exemplo desse tipo de decalque pode ser visto quando pensamos, por exemplo, na palavra inteligência, usada como serviço de informação, que começou a ser usada como o mesmo sentido usado no inglês com *intelligence*.

Aprile (2005) ainda distingue os empréstimos de acordo com as condições em que a palavra é adotada, definindo assim os conceitos de empréstimos por necessidade e empréstimo de luxo.

Os empréstimos por necessidade são aqueles voltados para a aquisição de novos objetos e de conceitos ainda desconhecidos. Como exemplo, podem ser citados os termos da área de informática em que não existem correspondentes na língua de chegada, como por exemplo, a palavra mouse.

Os empréstimos de luxo ocorrem quando se adota um termo de uma língua estrangeira, ainda que já exista um correspondente pelo menos aproximado na língua importadora. Geralmente são aqueles importados do mundo da moda, da culinária como as palavras *chemise* e *chef* para os correspondentes já existentes no português que são camisa e cozinheiro.

4. A competência lexical e o dicionário escolar

A competência lexical para Ferraz (2010) deve ser compreendida tanto no sentido de conhecimento que se deve ter para que se consiga utilizar uma palavra quanto à capacidade de saber reconhecer, aprender, recuperar e relacionar as diversas palavras seja no nível oral ou no nível escrito da língua. Para que um aluno possa usar adequadamente as palavras e desenvolver a sua competência lexical deve aprender o léxico juntamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica da língua.

Também Correia (2011) faz algumas considerações a respeito da competência lexical quando diz que:

... ter um vocabulário rico é mais do que conhecer muitas palavras: significa saber usá-las adequadamente em função do contexto frásico, cognitivo e enunciativo, mas também significa ter pistas ou ferramentas para inferir aspectos imprescindíveis ao conhecimento e uso das palavras, conhecidas ou desconhecidas (aspectos categoriais, flexionais, semânticos e sintáticos) e ainda, produzir palavras novas adequadas às necessidades (denominativas e discursivas) que ao indivíduo se apresentam.

No mundo globalizado e altamente tecnológico em que vivemos atualmente, é de extrema importância que não só a tecnologia e as ciências cheguem à escola, como também é necessário que a linguagem que acompanha esse novo mundo chegue ao ambiente escolar.

Porém, essa linguagem não deve só chegar à escola deve também ser codificada e utilizada pelos alunos de maneira correta.

O dicionário funciona também com um excelente instrumento didático. O seu uso, quando feito de maneira adequada, permite ao aluno que amplie o seu repertório e conseqüentemente aperfeiçoe a sua competência lexical.

Cano e Prado (2006) consideram o dicionário como depositário da cultura de uma época. Cabe a ele não só fazer a descrição da língua, como também registrar as normas e os costumes de uma determinada época.

O dicionário cumpre também o papel de ser um acervo de conhecimentos técnicos e científicos de uma sociedade. A pessoa que não o possui o instrumento, o conhecimento necessário para a época em que está vivendo ficará sempre a margem da sociedade. Nesse sentido, é muito importante o papel exercido pela escola, que pode ajudar o aluno com a transmissão dos conhecimentos necessários, sendo auxiliada por meio dos livros didáticos e também por meio dos dicionários.

Um dicionário escolar deverá, dessa maneira, auxiliar na instrumentação, na aquisição do conhecimento por parte do aluno. Nesse tipo de obra devem ser abarcados termos que abrangem tanto a área de ciências, geografia, história e também as áreas técnicas e da tecnologia. O aluno deve estar constantemente atualizado, o que ajuda também no aperfeiçoamento da sua competência lexical.

5. A análise nos dicionários

A seleção do léxico nos dicionários destinados ao ensino de língua materna deve se realizar seguindo critérios pedagógicos, segundo os níveis a que se destinam. Uma proposta interessante seria um dicionário que acompanhasse o vocabulário utilizado nos livros didáticos. Uma nomenclatura que fosse selecionada e atualizada de acordo também com as necessidades escolares dos alunos.

Os termos selecionados para a análise em questão foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo foi o de palavras consideradas como xenismos, empréstimos que não sofreram nenhuma modificação gráfica na língua de chegada, e o segundo grupo o de empréstimos. O grupo de palavras por empréstimo, por sua vez, foi subdividido em empréstimo por adaptação e empréstimo por decalque. Como xenismos foram selecionadas as palavras *el niño*, *jihad*, *la niña* e *laser*. Os empréstimos por adaptação considerados na análise foram antraz, burca, clone, talibã e os empréstimos por decalque foram ácido desoxirribonucleico e efeito estufa.

A primeira consideração a ser feita diz respeito à guia introdutória do dicionário, as páginas iniciais que explicam o seu funcionamento. Em ambos os dicionários não existe menção explícita da inserção do termo estrangeirismo na nomenclatura. No *Mini Aurélio* essa informação é feita de maneira sutil, na parte de sinais e símbolos indicando que a seta (→) precede palavra estrangeira. Também foi escrita uma pequena nota com a mesma indicação anterior na parte de indicação do funcionamento do dicionário. Já no *Mini Houaiss* existe uma nota que diz que o dicionário registrou algumas palavras estrangeiras de uso percentualmente mais corriqueiro na língua. Com relação ao empréstimo não existe citação de sua inclusão, possivelmente devido ao fato de ser um elemento já incorporado à língua e usado como palavra do próprio idioma.

A etapa seguinte foi verificar a inclusão dos termos nos dicionários. No *Mini Aurélio* constam as palavras burca, clone, ácido desoxirribonucleico, efeito estufa e laser. Já no *Mini Houaiss* são contemplados os termos antraz, burca, clone, talibã, ácido desoxirribonucleico, laser e efeito estufa.

Com relação às marcas de inserção no *Mini Aurélio*, em todas as unidades lexicais consideradas como empréstimos, já incorporadas à língua, não existem marcas de inserção, somente de origem. Já as palavras de origem estrangeira são precedidas por uma seta (→), informação que é dada nas explicações sobre o dicionário, nas páginas iniciais. No *Mini*

Houaiss também nenhum empréstimo possui qualquer marca gráfica e apesar de os xenismos serem apresentados sempre em itálico não existe qualquer menção a essa marcação gráfica nas páginas de explicação do dicionário.

Existem em todas as palavras encontradas no *Mini Aurélio* marcas de origem que são feitas entre colchetes indicando-se de qual língua a palavra é oriunda. No *Mini Houaiss* somente a palavra *laser* tem a menção da sua origem, também feita entre colchetes, indicando a proveniência do inglês.

No que diz respeito pronúncia tanto o *Mini Aurélio* quanto o *Mini Houaiss* não trazem a transcrição fonética. No caso de xenismos, o *Mini Aurélio* propõe uma pronúncia aproximada em português. O *Mini Houaiss* também, ao final do verbete, mostra a pronúncia figurada da palavra.

Com relação à definição do verbete, tanto no *Mini Aurélio* quanto no *Mini Houaiss*, as classes gramaticais das palavras são definidas, não existindo, no entanto, em nenhuma delas informações adicionais como a formação de plural. No *Mini Aurélio*, o que se pode ver é que alguns verbetes são definidos de maneira clara, simples e em outros são marcados pela circularidade e pela hermeticidade. Nesses casos o consulente deve recorrer a uma ou mais palavras para entender o significado da primeira palavra procurada. No *Mini Houaiss* a maioria dos termos é definido de maneira também bem simples, porém em alguns deles é feita uma definição sinonímica, como no caso de antraz que é definido somente por carbúnculo que leva o consulente mais uma vez ao problema da circularidade.

6. Considerações finais

A seleção do léxico que constitui a nomenclatura é uma das tarefas mais importantes na elaboração de um dicionário. Caso esse dicionário seja usado no ensino de língua materna essa tarefa adquire caráter especial uma vez que o dicionário é imprescindível na aprendizagem da língua. Entretanto, o que se pode perceber é que seleção de novas unidades das áreas de ciências, geografia e história nos dicionários escolares é feita, na maioria das vezes, de maneira pouco criteriosa no que diz respeito à seleção dos verbetes que o compõem.

É possível notar também que não existe nenhuma preocupação em manter a nomenclatura atualizada acompanhando o vocabulário usado

nos livros didáticos. Vocabulário esse que deve também fazer parte do cotidiano do aluno sendo usado por ele constantemente.

Com relação à organização e definição o que pode se perceber é que muitas vezes é feita de maneira hermética ou até circular levando o aluno a não entender e até mesmo a desistir de procurar o significado daquele termo, o que prejudicaria o desenvolvimento da sua competência lexical uma vez que ficaria privado do conhecimento e com isso não poderia colocar em prática, de maneira adequada, o vocabulário adquirido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico do português. *Alfa*: São Paulo, v. 28 (supl.), p. 119-126, 1984.

APOLINARIO, Maria Raquel (Org.). *Projeto Araribá: História*. São Paulo: Moderna, 2007.

APRILE, Marcello. *Dalle parole ai dizionari*. Bolonha: Il Mulino, 2005.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A definição lexicográfica. *Terminologia. TERMISUL, Cadernos do I. L.*, nº 10, 1993.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, p. 13-22, 2001.

CANO, W. M.; PRADO, D. de F. Os estrangeirismos as área da informática no Aurélio século XXI. *Alfa*: São Paulo, v. 50 (2), p. 265-266, 2006.

CARVALHO, Nelly Medeiros. A criação neológica. *Revista Trama*. Marçal Cândido Rondon, v. 2, nº 4, p.191-203, 2006.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A.; PEREIRA, Maria Teresa (Orgs.). *Língua portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 223-237.

FERRAZ, Aderlande P. El desarrollo de la competencia léxica desde el uso del material auténtico en la enseñanza de PLE. *IX Congreso Internacional de Lingüística General*. Universidad de Valladolid, 2010, p. 1846-1859.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. *Ciências*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas*. OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS2010, p. 99-115.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Mínidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131>. Acesso em: 14/06/2012.

PONTES, Antônio Luciano. *Marcas de uso em dicionários escolares brasileiros*. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Ant%C3%B4nio%20Luciano%20Pontes.pdf> . Acesso em: 13/06/2012

SAMPAIO, F. S; MEDEIROS, M. C. *Para viver juntos*: Geografia. São Paulo: Edições SM, 2009.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEIDE, Márcia Sipavicius. *Lexicografia pedagógica no Brasil: avanços e desafios*. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Marcia%20Sipavicius%20Seide.pdf>. Acesso em: 13/06/2012.